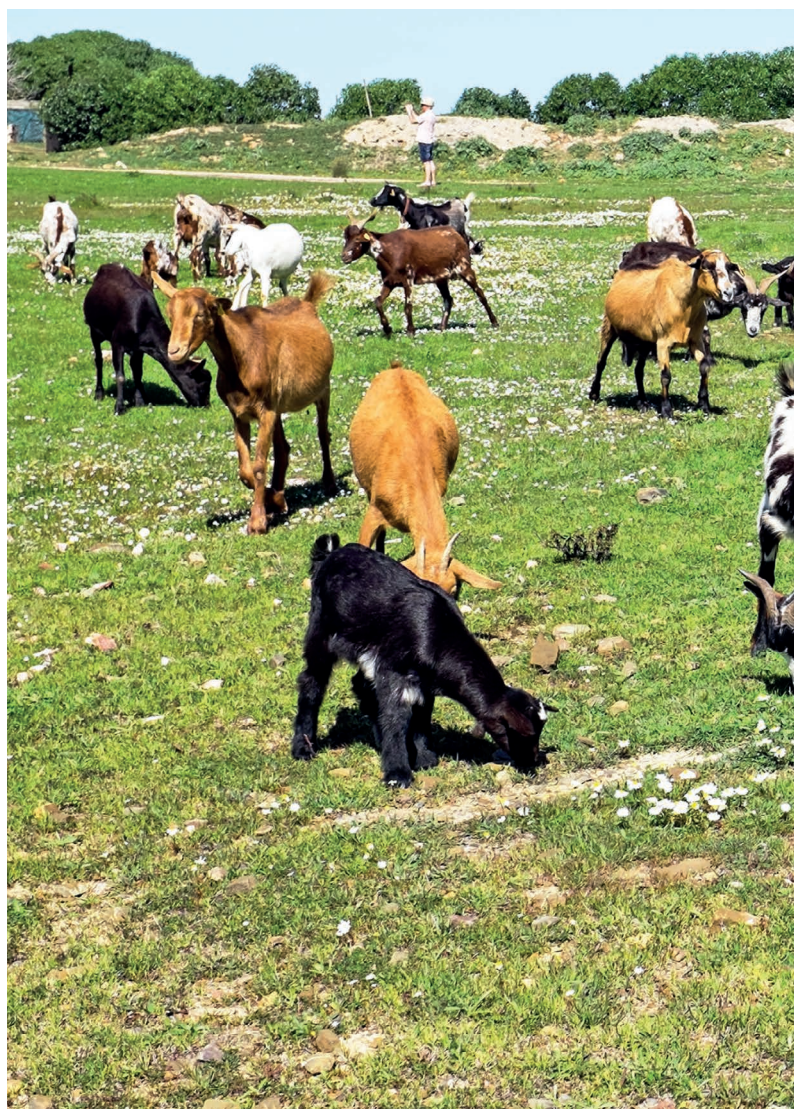


RAÇAS AUTÓCTONES DE PEQUENOS RUMINANTES: SISTEMAS DE EXPLORAÇÃO E APTIDÕES PRODUTIVAS

As raças autóctones portuguesas são rústicas, de aptidão produtiva mista e exploradas em sistema extensivo. A carne e o leite são de grande qualidade, mas a maioria das raças encontra-se em perigo de extinção. É imprescindível melhorar a produtividade e a eficiência reprodutiva através de programas de melhoramento genético e utilização das biotecnologias reprodutivas mantendo, contudo, as características de adaptabilidade e qualidade.

João Pedro Barbas, Jorge Andrade Pimenta, Maria da Conceição Baptista, Carla Cruz Marques, Filipa Costa Ferreira e Rosa Lino Neto Pereira

Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária



Raças autóctones de pequenos ruminantes: benefícios da sua utilização

Portugal tem uma grande variabilidade de condições edafoclimáticas, sendo maioritariamente constituído por solos de baixo potencial produtivo sendo essenciais no aproveitamento do espaço agroflorestal. Existem 16 raças autóctones de ovinos e 6 de caprinos, constituindo um património genético ímpar (DGAV, 2021). A maioria das raças têm dupla aptidão (carne e leite) sendo a dieta constituída por pastagens naturais, vegetação arbustiva, subprodutos de culturas cerealíferas e hortofrutícolas, e pastagens biodiversas nos montados de sobro e azinho. A carne e o leite são de elevada qualidade nutricional e organolética, que após a respetiva certificação são produtos DOP,



sendo a principal fonte de rendimento das populações rurais nas regiões do interior e montanhosas.

Sistemas de exploração

A maioria das espécies pecuárias autóctones (85%) estiveram em risco de extinção, mas com o esforço concertado das associações de criadores, serviços oficiais e verbas comunitárias tem sido possível recuperar algumas das raças ameaçadas de extinção (DGAV, 2021). Todavia persistem situações extremas, com algumas raças autóctones de pequenos ruminantes ainda ameaçadas (<6500) ou raras (<3500), de acordo com a classificação baseada no número existente de fêmeas exploradas em linha pura. Nos últimos 20 anos, verificou-se um decréscimo signi-

ficativo do número de ovelhas (-31%) e cabras (-45%) destas raças exploradas em linha pura (Carolino, 2021). A exploração de pequenos ruminantes de raças autóctones em regime extensivo enquadra-se em várias orientações e compromissos internacionais, designadamente o Pacto Ecológico Europeu (*Green Deal*), do Prado ao Prato (*Farm to Fork*), e nacionais, nomeadamente: Plano Nacional de Gestão Integrada de Fogos e Plano Estratégico da PAC. O sistema de exploração é o extensivo ou o extensivo melhorado, isto é, a administração de forragens e concentrados em períodos de carência de pastagens e/ou quando as necessidades alimentares são superiores, designadamente no final da gestação e lactação. São muito raras as explorações em que é



Figura 1 – Ovelhas Serra da Estrela em pastagens naturais de fraca qualidade nutritiva em regiões montanhosas.

utilizado o sistema intensivo na exploração de raças autóctones de pequenos ruminantes. A pastorícia é importante na gestão da paisagem e manutenção da biodiversidade (Figura 1). Em épocas do ano em que existe pouca disponibilidade de pastagens e/ou em que as necessidades alimentares são mais exigentes, os animais são suplementados com forragens, vegetação arbustiva, cereais e/ou concentrados comerciais. A ordenha, cujo leite é destinado à produção de queijo, ocorre geralmente após o desmame das crias, cuja carne é de grande qualidade.

Características reprodutivas e fertilidade

As raças autóctones são pouco sazonais, sendo possível a reprodução em qualquer época do ano. A época de cobrição principal é na primavera, podendo ocorrer uma época secundária no outono (Carolino, 2021). Habitualmente são exploradas no regime reprodutivo com 1 parto anual, podendo ocorrer cobrição contínua. As fêmeas jovens podem entrar à cobrição com idades compreendidas entre os 12 e os 15 meses, verificando-se geralmente o primeiro parto entre os 18 e os 20 meses. A mortalidade até ao desmame varia entre 2% e 4%. As fertilidades

(60–70%) e prolificidades (1–1,2) apresentam valores pouco atrativos que têm levado à introdução de machos de raças exóticas nos efetivos para o aumento da eficiência reprodutiva e produtividade dos rebanhos (DGAV, 2021). Através da utilização das biotecnologias reprodutivas, tem sido possível melhorar a prolificidade das raças autóctones e a ocorrência dos partos em várias épocas do ano quando existem adequadas condições de exploração para tornar a produção uniforme ao longo do ano e/ou quando os produtos têm maior valor comercial (Mascarenhas *et al.*, 2011) (Figura 2).



Figura 2 – Ovelhas Serra da Estrela em pastagens semeadas de sequeiro.

Raças autóctones de ovinos

As raças de ovinos são repartidas por 3 grupos, de acordo com o tipo de lã, designadamente Churras, Bordaleiras e Merino (Carolino, 2021). Geneticamente, as Raças Churras apresentam um potencial de crescimento médio e má conformação das carcaças, embora algumas raças apresentem produções leiteiras interessantes. A lã, tipo churro, é de fraca qualidade, sendo aproveitada para a confeção artesanal de mantas, tapetes, meias, etc. São rústicas, exploradas em pastagens pobres, em condições difíceis e com poucos recursos forrageiros. Têm valores médios de fertilidade e prolificidade, mas constituem um contributo indispensável na economia das explorações agrícolas familiares (DGAV, 2021). Em Portugal existem 8 raças Churras:

- A raça Churra Algarvia (1626 fêmeas em linha pura), cujo solar é a região algarvia. É explorada em regime extensivo para produção de carne, com 2 épocas de cobrição, uma principal na primavera e uma época secundária no outono, sendo os borregos comercializados aos 3-4 meses;
- A raça Churra Badana (2417 fêmeas) existe principalmente na Terra Quente Transmontana e Alentejo (Vidigueira) em pequenos efetivos explorados na dupla função, cuja dieta são pastagens permanentes de baixa qualidade nutritiva e plantas arbustivas. É utilizado o regime de cobrição contínuo. As malatas são cobertas antes de 1 ano, devido à sua precocidade, e os borregos são vendidos aos 3 meses;
- A raça Churra da Terra Quente (13 298 fêmeas) é uma raça rústica, utiliza pastagens pobres tendo aptidão mista, sendo os borregos abatidos aos 30-45 dias. Os efetivos são de média dimensão, com cobrição contínuo. O desmame é aos 1-2 meses, após a qual se inicia o período de ordenha cujo leite (75 litros/lactação) é destinado à produção de queijo (Terrincho).
- A raça Churra do Campo (290 fêmeas) é muito rústica, explorada em regime extensivo na sua tripla função (carne, leite e lã), sendo os borregos desmamados com 1-2 meses (DGAV, 2021);
- A raça Churra do Minho (44 835 fêmeas) (Minho e Trás-os-Montes) muito rústica, é explorada em

condições climáticas agrestes para produção de carne (borrego de leite). A cobrição é contínua e utilizam pastagens de pouca qualidade;

- As raças Churras Galega Bragançana Branca (11 729 fêmeas) e Preta (2651 fêmeas) (Terra Fria Transmontana) são exploradas em regime de silvopastorícia em efetivos de média dimensão. A cobrição é contínua, sendo os borregos vendidos aos 4-6 meses.
- A raça Churra Galega Mirandesa (4759 fêmeas) (Planalto Mirandês e arribas do rio Douro) é rústica, menos produtiva. A cobrição é contínua e os borregos são vendidos entre os 4-6 meses consoante a categoria da carcaça.

As Raças Bordaleiras incluem um conjunto heterogéneo de raças no que respeita às suas aptidões. A Serra da Estrela e a Saloia têm boa capacidade leiteira e média aptidão para a produção de carne (Carolino, 2021). A raça Saloia (2778 fêmeas) existe em efetivos de média dimensão, sendo explorada na função leiteira, com o leite destinado ao fabrico do queijo (Azeitão). É a 2.^a maior raça leiteira com cerca de 110 litros por lactação. As cobrições são efetuadas na primavera e os borregos são vendidos aos 2 meses.

A raça Serra da Estrela (19 239 fêmeas) existe em efetivos de 30-100 ovelhas, é a primeira raça de aptidão leiteira com 150 litros/lactação (Figura 3). O leite é destinado à produção do queijo Serra da Estrela e o borrego vendido com 1 mês é designado Borrego Serra da Estrela (DOP).



Figura 3 – Ovelhas Serra da Estrela no parque de maneio onde foi avaliada a sua condição corporal.

A Raça Bordaleiro de Entre o Douro e Minho encontra-se em declínio (4287 fêmeas) devido à introdução de machos de raças exóticas. São exploradas em pequenos efetivos, a cobrição é contínua, sendo o borrego a principal receita desta exploração.

A raça Mondegueira (1917 fêmeas) (Terra Fria Beirã) é rústica e explorada em regime extensivo em pequenos efetivos, sendo a 3.^a maior produtora de leite nacional com produções de 105 litros/lactação, utilizados juntamente com o leite da ovelhas da raça Serra da Estrela na produção dos queijos DOP “Queijo Serra da Estrela”, “Queijo Serra da Estrela Velho” e “Requeijão Serra da Estrela”. As cobrições são na primavera, sendo os borregos desmamados aos 30 dias e vendidos como Borregos da Beira.

A raça ovina Campaniça (7439 fêmeas), muito rústica, é explorada em regime extensivo em grandes efetivos na dupla função, sendo o leite destinado à produção do leite (queijo de Serpa) após o desmame dos borregos (45/60 dias). Devido à escassez e ao custo da mão de obra, em várias explorações só se comercializa o borrego. Habitualmente, a cobrição é realizada na primavera, havendo uma época secundária no outono. Foram registadas fertilidades de 65% na época da primavera e 97% nas 2 épocas, sendo a prolificidade de 1-1,14 (Matos, 2012). As Raças Merinas incluem a Merino da Beira Baixa e as raças Merino Branca e Preta. São muito rústicas, lâ de excelente qualidade, bem conformadas e exploradas na tripla função.

A raça Merino da Beira Baixa (4193 fêmeas) é uma raça rústica, sendo os efetivos explorados em sistema extensivo utilizando pastagens pobres (Beira Baixa e norte do Alentejo). É explorada na dupla função, sendo a época principal de cobrição na primavera. As ovelhas são ordenhadas após o desmame dos borregos, sendo o leite (aproximadamente 54 litros/lactação) destinado à produção de queijo. Os borregos são desmamados com 1-2 meses de idade e vendidos no Natal e Páscoa (borrego de canasta). A lâ é muito fina e considerada de muito boa qualidade.

As raças Merino Branca (4193 fêmeas) e Preta (12 288 fêmeas) são rústicas, aptidão carne, ótima lâ e pastoreiam em grandes efetivos em áreas de

sobcoberto de montado ou em áreas após a ceifa dos cereais.

São pouco sazonais, com cobrições na primavera e no outono, sendo os borregos desmamados aos 3-4 meses (Bettencourt, 1999). De acordo com a ANCORME, têm fertilidades de 80-85% e prolificidades de 1,1-1,2.

Raças autóctones de caprinos

As raças caprinas autóctones constituem cerca de 12,5% do efetivo de caprinos em Portugal, todavia só 1,5% da carne de caprino é vendida como certificada (DGAV, 2021) (Figura 4). As nossas raças têm 1 parto anual com fertilidades de 65-80% e prolificidades de 1,1-1,3.



Figura 4 – Cabras Serranas, ecótipo transmontano, em pastoreio de percurso (pastagens naturais e vegetação arbustiva).

A raça Algarvia (2477 fêmeas) é de aptidão mista, com cerca de 190 litros/lactação, sendo explorada em regime extensivo. Existem 2 épocas de cobrição, na primavera (principal) e no outono (secundária), sendo os cabritos desmamados aos 45/60 dias. A cabra Algarvia tem boa fertilidade (85%) e prolificidade (1,5). Em estudos realizados, verificou-se que, em 2734 partições, 74,1% foram partos duplos e 6,4% triplos (DGAV, 2021). A suplementação com alimentos concentrados, aveia ou fava é realizada nos períodos de menor disponibilidade de pastagens e durante o período de lactação.

A raça Bravia (9695 fêmeas), muito rústica, presente em grandes efetivos comunitários, é explorada na

produção de carne, utilizando pastagens e arbustos em regiões montanhosas, sendo o cabrito desmamado aos 3 meses. As cabras Bravias são utilizadas como parte do plano de prevenção de incêndios e no controlo de coberto vegetal de difícil acesso. Tem 2 ecótipos, designadamente Alvão e Gerês.

A raça Charnequeira (1869 fêmeas) tem os ecótipos Alentejano e Beiroa, esta última mais pesada e com maior aptidão leiteira (180 litros/lactação) (Figura 5).



Figura 5 – Cabras de raças Charnequeira, na última semana de gestação em pastagens semeadas biodiversas.

A raça Charnequeira (1869 fêmeas) encontra-se em efetivos de média dimensão, sendo explorada em regime extensivo, na dupla função, com uma alimentação à base de pasto espontâneo, restolhos e vegetação arbustiva. A primavera é a principal época de cobrição. Os cabritos são vendidos aos 45 dias (ecótipo Beiroa) ou aos 3–6 meses (ecótipo Alentejano). O ecótipo Beiroa é explorado na produção de leite que, misturado com o leite de ovelha, produz o queijo de Castelo Branco amarelo ou picante, consoante o processo de cura. A raça Preta de Montesinho (1161 fêmeas), de aptidão leiteira, é normalmente explorada na dupla função (Nordeste Transmontano) e tem uma prolificidade de 1,4. A produção média é de 100–110 litros por lactação. O cabrito abatido aos 2 meses é conhecido como o Cabrito Branco de Montesinho devido às suas carnes claras.

A raça Serpentina (5034 fêmeas), de origem Alentejana, encontra-se em efetivos de média dimensão,

sendo rústica e explorada em regime extensivo na dupla função. É pouco sazonal, com fertilidade de 80%, prolificidade de 1,4 e razoável capacidade leiteira (215 L/lactação). As cobrições são realizadas na primavera e os cabritos desmamados aos 3 meses (cabrito do Alentejo).

A raça Serrana (13 083 fêmeas) tem 4 ecótipos, o Transmontano, o Jarmelista, o da Serra e o Ribatejano, que são explorados em sistema extensivo na dupla função (Figura 6).



Figura 6 – Cabras Serranas dos ecótipos Serrana Ribatejano e Jarmelista numa pausa do pastoreio.

A dimensão média dos efetivos é de 80–100 cabras, dependendo da região e do ecótipo. A cobrição é na primavera, sendo os cabritos desmamados aos 45 dias, a partir do qual as cabras são ordenhadas, com lactações médias de 185 litros. O ecótipo Jarmelista é explorado em pequenos rebanhos (50 animais), utilizando um regime extensivo melhorado, sendo a primavera a época reprodutiva principal. O ecótipo Ribatejano, habitualmente em efetivos de 100 animais, utiliza terrenos de melhor aptidão produtiva, aproveitando os subprodutos de várias culturas, sendo utilizada a cobrição controlada e 1 parto anual.

Futuro das raças autóctones e estratégias para melhorar a sua eficiência produtiva

A importância da **Conservação e Melhoramento do Património Genético Animal** está oficialmente reconhecida em Portugal. Os programas de con-

servação (manutenção da variabilidade genética) e melhoramento (progresso genético) são importantes para a preservação e aumento da produtividade das raças autóctones (Carolino, 2021).

Há que valorizar os recursos genéticos animais de um modo sustentável e integrado no património natural, através da implementação de programas de conservação, melhoramento, promoção e utilização. A seleção dos reprodutores (machos e fêmeas) geneticamente superiores e adaptados às condições edafoclimáticas do sistema de exploração são “pilares” para o aumento da produtividade. Os reprodutores deverão ser previamente selecionados utilizando informação genealógica, produtiva, e ausência de anomalias morfológicas e funcionais, sendo importante a realização de exames andrológicos anuais. O controlo da reprodução e a inseminação artificial (IA) são ferramentas essenciais para o melhoramento genético e aumento da rentabilidade das raças autóctones (Mascarenhas *et al.*, 2011). A introdução de novas tecnologias reprodutivas, o efeito macho, associado ou não a fotoperíodos artificiais, a administração de melatonina e outros fármacos (prostaglandinas), permitirá a redução/substituição dos produtos hormonais na reprodução, contribuindo para uma produção animal mais segura e sem diminuição da rentabilidade. Alguns dos objetivos dos programas de melhoramento são o aumento da produção e da qualidade do leite, a melhoria do índice de conversão, velocidade de crescimento, morfologia, conformação, rendimento da carcaça e qualidade da carne, assim como o aumento da fertilidade e prolificidade (Carolino, 2021). A biodiversidade está a diminuir nas espécies animais, sendo indispensável a criopreservação de gâmetas e a utilização de biotecnologias reprodutivas na preservação da diversidade genética. É também prioritária a manutenção de uma reserva genética *ex situ*, no Banco Português de Germoplasma Animal, a que se possa recorrer em casos de catástrofes naturais ou outras, evitando o desaparecimento das raças.

Conclusões

As raças autóctones de pequenos ruminantes constituem um património genético insubstituível.

Estão bem-adaptadas às diversas condições edafoclimáticas nacionais, algumas das quais muito rigorosas, e têm um contributo importante na prevenção dos incêndios e fixação/subsistência das populações rurais. A maioria das raças estão em perigo de extinção, sendo essenciais os programas de melhoramento genético, exames andrológicos e a utilização de biotecnologias reprodutivas para a sua preservação e aumento da produtividade. São rústicas e pouco sazonais, embora apresentem maioritariamente a principal época reprodutiva na primavera, com 1 parto anual. Os parâmetros reprodutivos apresentam valores médios com fertilidades de 65–70%, e prolificidades de 1, que têm levado à sua substituição por raças exóticas. O sistema de exploração é o extensivo e a maioria delas são exploradas na dupla função, tendo uma carne de excelente qualidade e o leite destinado à produção queijeira. Muitos produtos têm designação DOP ou IGP, constituindo a principal fonte de receita das explorações, sendo muito apreciados pelos consumidores. ☺

Referências bibliográficas

- Bettencourt, E. (1999). *Caracterização de Parâmetros Reprodutivos nas Raças Ovinas Merina Branca, Merina Preta e Campaniça*. Dissertação de Mestrado em Produção Animal. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Medicina Veterinária.
- Carolino, N. (2021). *Recursos genéticos animais em Portugal: ovinos e caprinos*.
- DGAV (2021). *Catálogo oficial de raças autóctones Portuguesas*. Edição da DGAV e CAP.
- Mascarenhas, R.; Baptista, M.; Cavaco-Gonçalves, S. e Barbas, J. (2011). *Caracterização da actividade reprodutiva e utilização da IA em pequenos ruminantes*. Agrorural, Ed. INRB e IN, 1071–1082.
- Matos, C. (2012). *A raça Campaniça na actualidade*. ACOS.

Agradecimentos

Ao Doutor Nuno Carolino pela disponibilização da sua bibliografia referente à caracterização das raças autóctones Portuguesas e à Doutora Rosário Marques pelas fotografias cedidas.